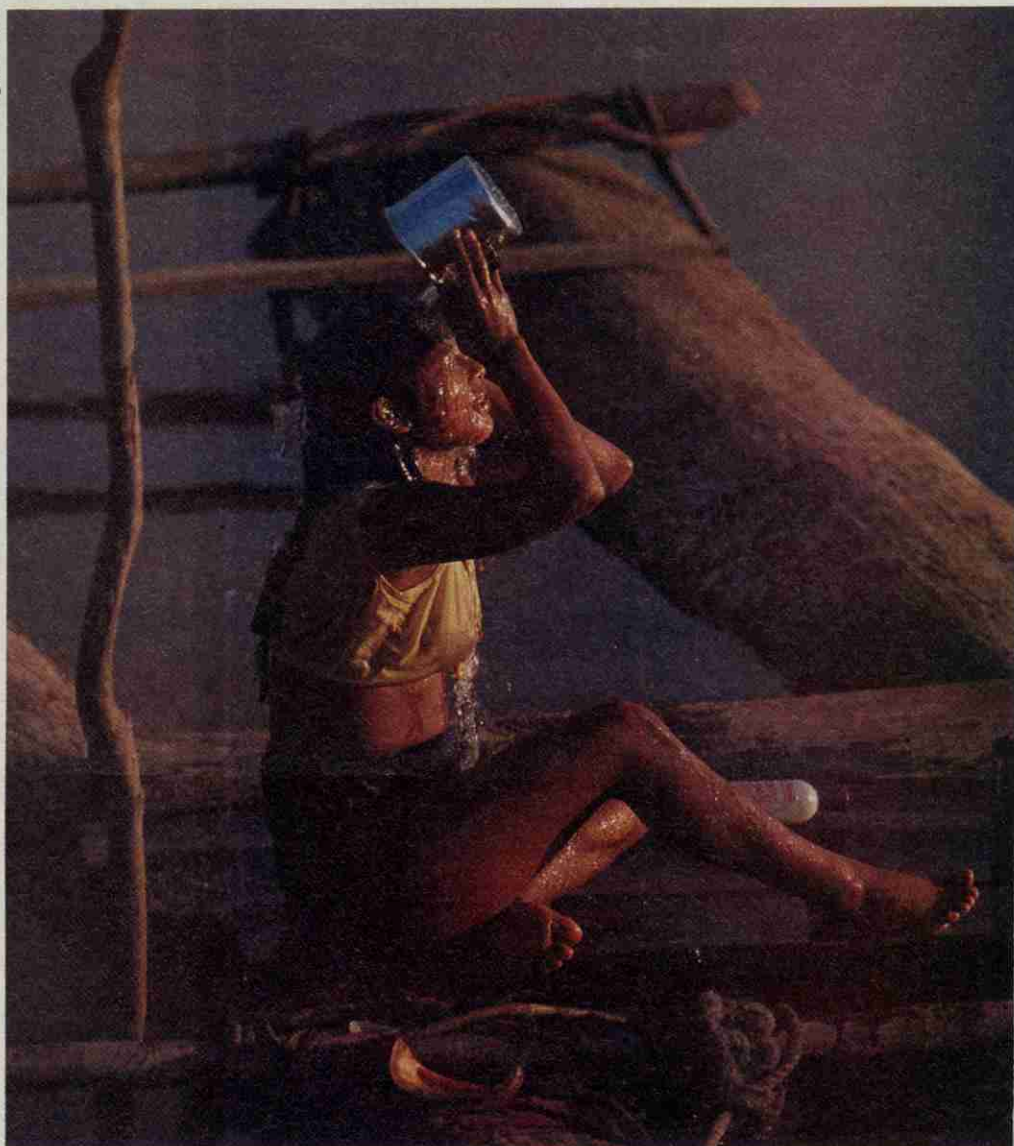


AMAZÔNIA EM DOIS TEMPOS

2

Nas anotações que Carlos Chagas deixou da expedição que fez à Amazônia, em 1913, o cientista sempre se refere aos índios como indolentes. Reproduzindo este ano o trajeto de Chagas, a equipe de pesquisadores e a do **JB** não encontraram preguiçosos, mas nativos atônitos, assustados em meio à acirrada disputa que os cerca. No segundo capítulo desta série, a expedição alcança as aldeias de Ariabú e Maturacá. Igrejas, o Exército e garimpeiros são os principais personagens. Peças de um jogo de diferentes culturas e interesses.

Rogério Reis



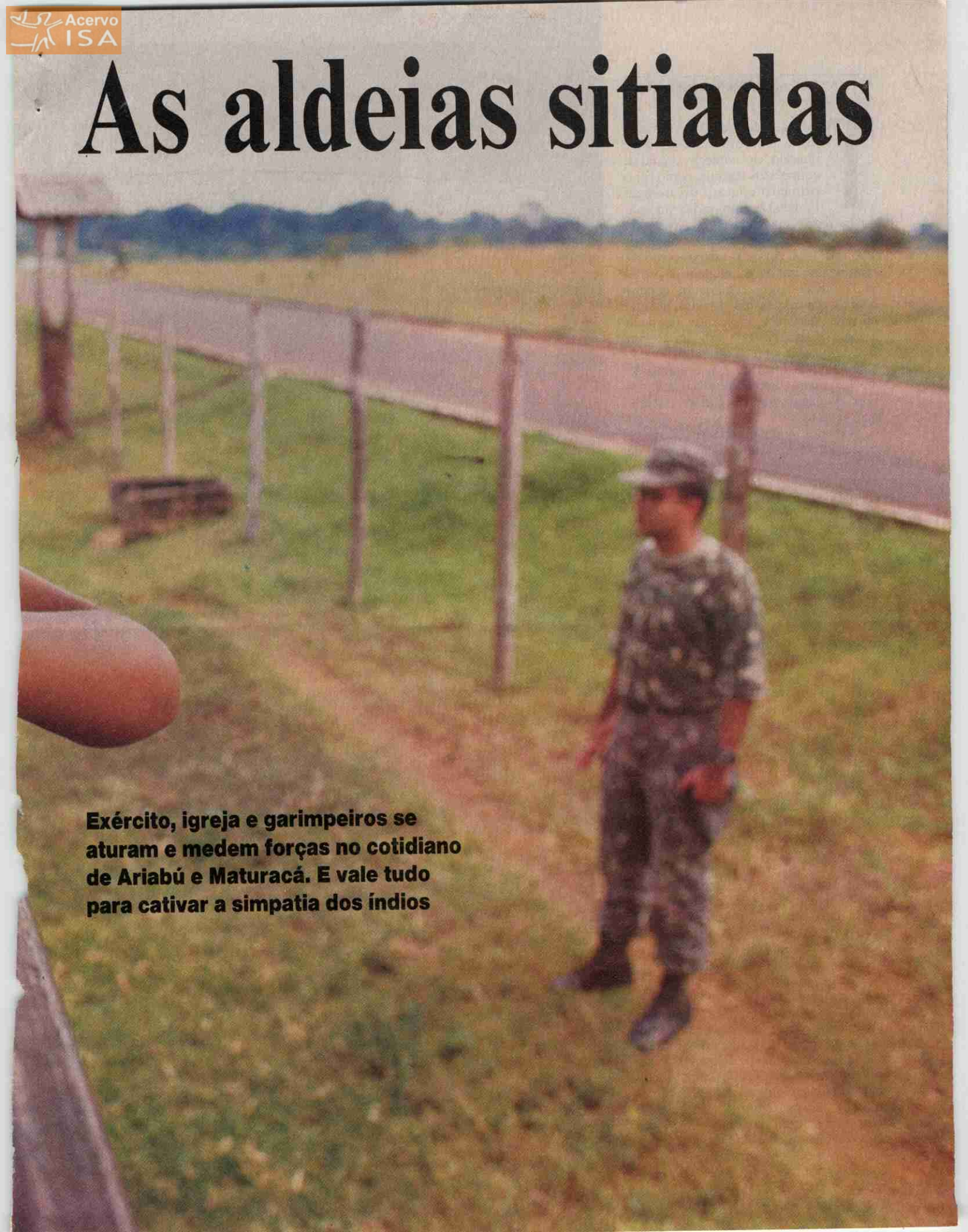
Flagrante de uma índia ianomami tomando banho no Rio Negro. A serenidade também reina no cotidiano das vilas indígenas da região, mas está sendo minada pelo convívio entre Exército, igrejas e garimpeiros que fazem extração ilegal de ouro

■ A expedição científica *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade* reuniu pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, Universidade do Amazonas, Instituto de Medicina Tropical de Manaus, Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia entre os dias 31 de julho e 9 de setembro de 1995. O **JORNAL DO BRASIL** acompanhou com exclusividade a expedição.





As aldeias sitiadas



Exército, igreja e garimpeiros se aturam e medem forças no cotidiano de Ariabú e Maturacá. E vale tudo para cativar a simpatia dos índios

ALEXANDRE MEDEIROS, de Maturacá (AM)

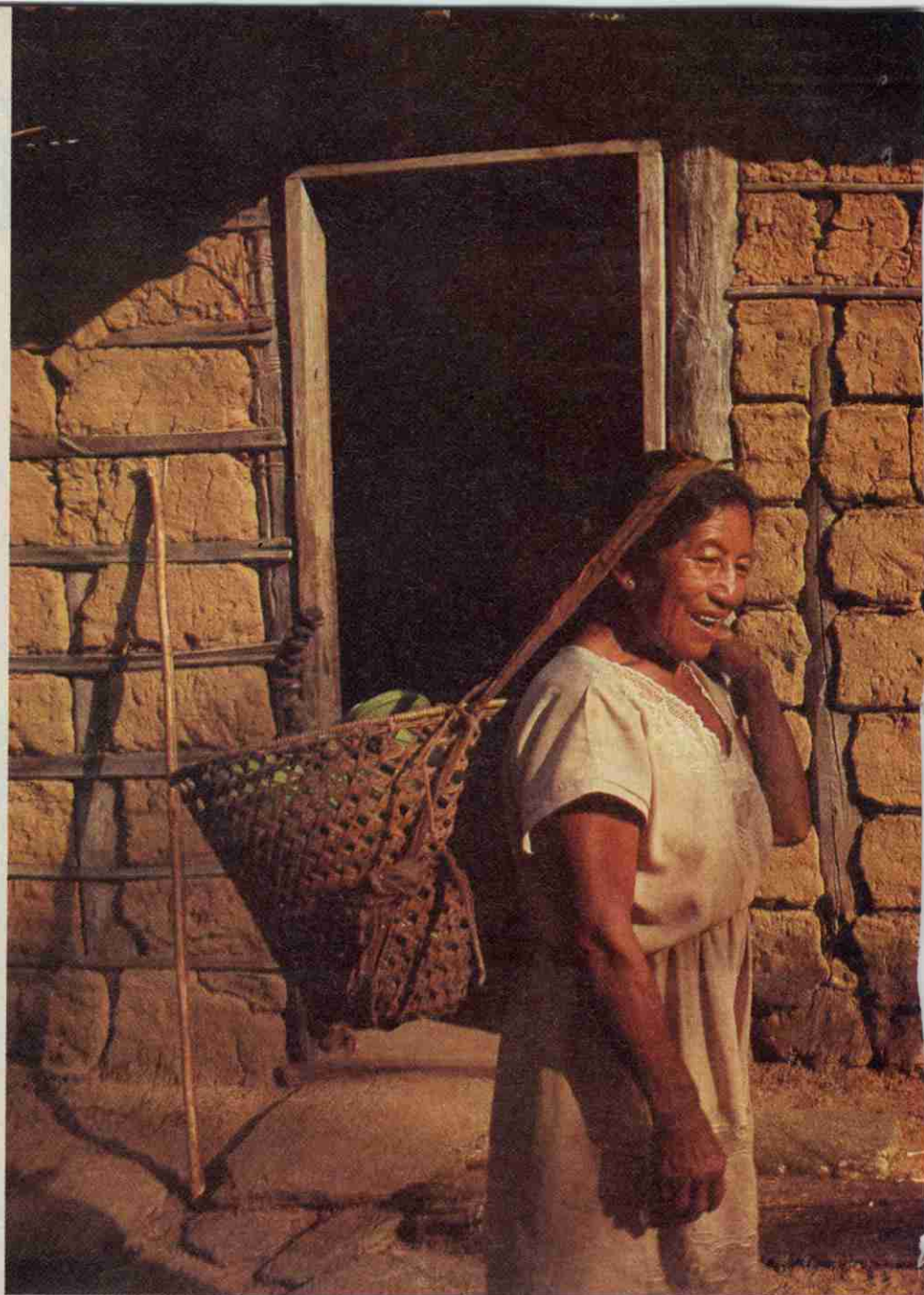
Fotos de Rogério Reis

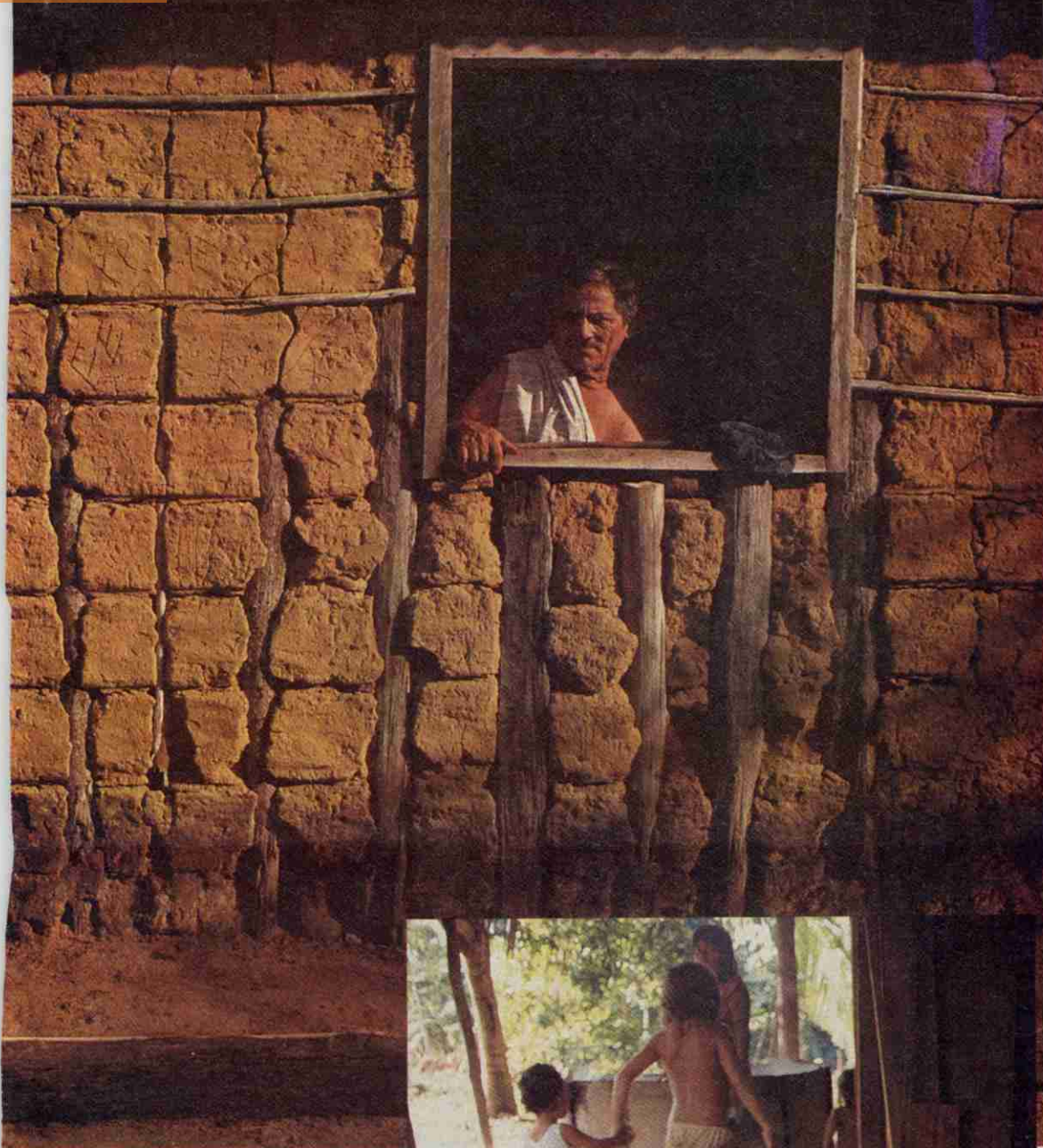
Toda a aldeia de Maturacá se junta em torno de seu José quando ele começa a contar, com gestos teatrais, como foi o primeiro contato do homem branco com um índio ianomami na região do Rio Negro. Apesar da idade avançada, que ele não sabe precisar, seu José curva o corpo como se manuseasse um arco imaginário, protege o ouvido com a mão em concha como quem escuta um barulho distante na selva, lembra os momentos de medo e desconfiança, grita, gesticula e, por fim, simula um abraço, abre um sorriso e conclui sua história com a expressão *xarimã bonito*, uma mistura de ianomami e português que quer dizer “estranheiro bonito”.

A menos de um quilômetro da maloca de seu José, na aldeia ianomami de Ariabú, um índio de olhos verdes e fala mansa tem outra história para contar. Júlio Góes não lembra bem quando viu um homem branco pela primeira vez, mas sabe que hoje aluga casas na aldeia para um monte deles e é parceiro comercial de outros tantos, todos garimpeiros que retiram ouro no Parque Nacional do Pico da Neblina, uma atividade ilegal que exercem sob as barbas do Exército. “Os ianomami se habituaram aos garimpeiros, não temos o que reclamar. Existe uma amizade”, explica Júlio Góes. Entre a história de seu José e a do índio de olhos verdes há um intervalo de 44 anos, tempo suficiente para que os ianomami pudessem passar da desconfiança ao interesse econômico.

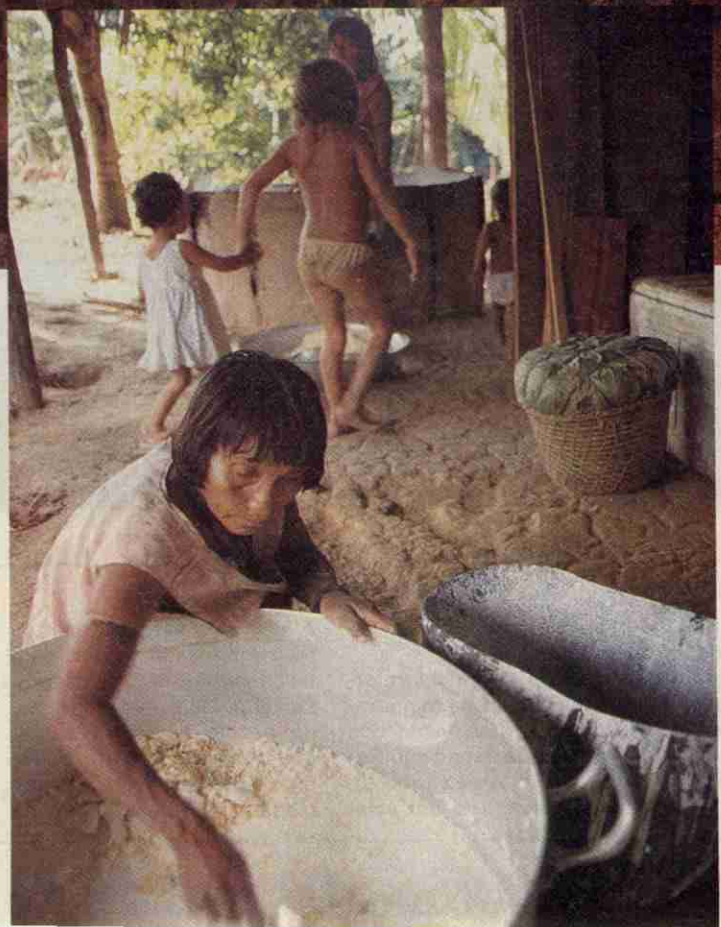
As aldeias de Ariabú e Maturacá são os dois únicos sinais de vida na localidade de Maturacá, distante 135 quilômetros em linha reta de São Gabriel da Cachoeira, na fronteira com a Venezuela, e só alcançável depois de uma extenuante viagem de nove horas, sendo três em estrada de terra e seis através de sinuosos igarapés. Entre as duas aldeias, há o 5º Pelotão Especial de Fronteira (5º PEF), uma missão católica salesiana e grupos de garimpeiros de vários cantos do país, que se reúnem em acampamentos a uma altura de 2.500 metros no Pico da Neblina, reserva florestal onde o garimpo é proibido por lei e permitido na prática.

Aparentemente cercadas de paz e floresta por todos os lados, emolduradas por serras belíssimas e pelos 3.014 metros do Pico da Neblina, as duas aldeias estão sitiadas. Com seus 638 habitantes (o total), Ariabú e Maturacá fornecem o retrato mais atual da situação do índio na Amazônia: perdido no meio de imensas áreas ricas em minérios, bajulado por mercadores de ouro, avesso ao assé-





Nas aldeias de Ariabú e Maturacá, o mais atual retrato da situação do índio na Amazônia: perdido em imensas áreas ricas em minérios, bajulado por mercadores de ouro, avesso ao assédio da Funai e cada vez mais objeto de uma guerra declarada entre a Igreja católica, as missões evangélicas e o Exército. Uma disputa que provoca absurdos, como o padre que ameaça: aqueles que permitirem o alistamento de seus filhos no Exército, perdem o direito ao sacramento do batismo



DIÁRIO DE BORDO

■ Quando fez o primeiro contato com os brancos, numa manhã de 1951, seu José estava com um irmão, já falecido, e seu primeiro impulso foi matar os estranhos com flechas envenenadas. O irmão o impediu e disse que talvez fosse bom ver o que queriam os brancos. José foi até a beira do rio, com a cobertura do irmão, e os brancos, comandados por João Tavares, ofereceram presentes. Os dois irmãos voltaram para a aldeia e deram a notícia aos outros. No dia seguinte, João Tavares almoçou na aldeia e levou um produto que os ianomami não conheciam: a farinha.

■ Maturacá é o paraíso das onças pardas ou amarelas, as sussuaranas. No Pico da Neblina, predominam as onças pretas, chamadas cangucus.

■ Os médicos indicam vários repelentes contra insetos, sobretudo contra os cinematográficos mosquitos amazônicos, alguns apelidados de *hélicopteros*. Os moradores da mata dizem que os repelentes servem como estimulantes de apetite para os insetos. Contra os mosquitos, há duas receitas. Os índios usam urucum. Os militares, óleo diesel.



Seu José, idolo dos ianomami, foi o primeiro índio da região a ter contato com brancos, em 1951

GLOSSÁRIO

■ **Fofoca** — O movimento em busca do ouro, a agitação do garimpo. Explicação geral para as mortes que ocorrem nas áreas de garimpo. Quando se encontra o corpo de um garimpeiro morto na beira do rio, os

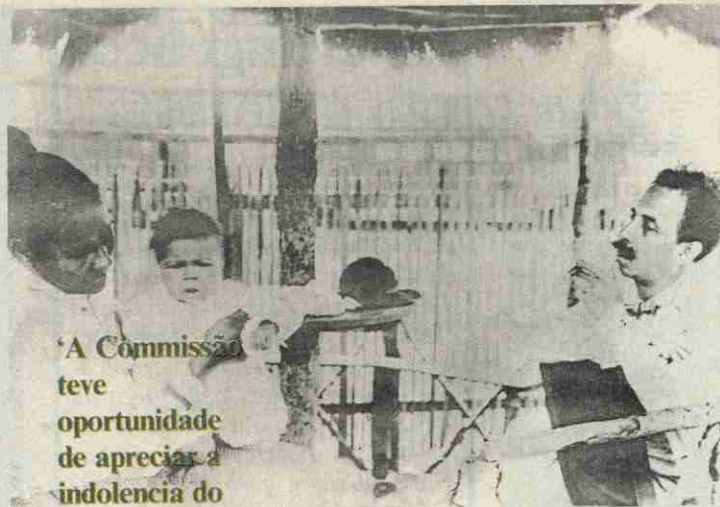
outros explicam assim: “Isso aí foi *fofoca*”.

■ **Catanho** — Lanche reforçado dos militares em operações na selva. A visita dos integrantes da expedição *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha*

à *biodiversidade* a Maturacá teve como *catanho* dois sanduíches de queijo com apre-suntada, dois ovos cozidos, um pacote de biscoito salgado, outro de bicoito doce, uma barra de chocolate, uma maçã, um chiclete e um copo

de água mineral.

■ **Tuchaua** — Também chamado de *capitão*, é o líder político e administrativo de uma aldeia, pessoa a quem os estranhos devem se dirigir antes de dar qualquer passo na área indígena.



**'A Comissão
teve
oportunidade
de apreciar a
indolência do
indio, no fundo
de uma rede,
dormitando horas
continuadas'**

Carlos Chagas

dio de órgãos públicos como a Funai e cada vez mais objeto de uma guerra declarada entre a Igreja católica, as missões evangélicas e o Exército.

Uma guerra que está sendo vencida, pelo menos no *front* de Maturacá, pelos militares. A Igreja católica perde espaço a cada dia e já começa a emitir sinais de desespero. No último dia 12 de agosto, um acidente na missão salesiana exibiu a agonia católica na região. Dois times de ianomami disputavam uma animada *pedrada* no campo da missão e, de repente, um trator dirigido por um missionário adentrou o gramado, sem avisar e sem reduzir a velocidade. Resultado: um adolescente inanomami foi atropelado e ficou deitado no meio-campo, chorando de dor.

O motorista do trator, um professor da escola da missão, não prestou socorro. Foi estacionar o veículo num galpão, enquanto os rapazes ajudavam o acidentado. A médica Simone Andrade, do Instituto de Medicina Tropical de Manaus, e dois médicos do 5º PEF — que por acaso estavam ali para uma entrevista com o padre italiano Benjamin Morango, responsável pela missão — tentaram examinar o ianomami, mas o

atropelador surgiu correndo, puxou o menino pelo braço, levou-o até a enfermaria e disse simplesmente: "Pode deixar que a missão cuida".

Diante dos protestos de outros integrantes da expedição que visitavam a missão, o atropelador permitiu que um dos médicos militares examinasse o menino. Por ironia, a 20 metros da enfermaria, o padre Morango dizia, numa roda, aos seus entrevistadores: "Os garimpeiros tratam os ianomami como burros de carga".

A igreja perde espaço. Em Maturacá, os salesianos controlam hoje apenas a educação dos índios. Sem médico, não podem oferecer o atendimento que os militares prestam aos ianomami, incluindo transferências em helicópteros ou aviões quando os doentes mais graves têm que ser levados para São Gabriel da Cachoeira ou Manaus. Como um comandante enfurecido que vê suas tropas em debandada diante de um inimigo mais poderoso, o padre Morango usa seus sermões de domingo para fazer promessas, como comprar um helicóptero para a missão, e ameaçar os ianomami. Aos que permitirem que seus filhos se alistem no Exército, por exem-

Soluções para um mundo pequeno

IBM



DIÁRIO DE BORDO

■ A missão salesiana chegou a Maturacá em 1953. Em 1964, com apoio da Aeronáutica, os ianomami construíram a primeira pista de pouso, com 400 metros, em terra batida. No dia 15 de junho de 1988, dentro do projeto Calha Norte, o Exército instalou na região um destacamento com seis homens. O atual pelotão de fronteira foi inaugurado em 1993.

■ Maturacá está 68 quilômetros acima da linha do Equador, que foi cruzada pelos integrantes da expedição na estrada que vai para Cucuí, onde fica a triplíce fronteira (Brasil, Colômbia e Venezuela).

■ O tenente-coronel Pinto Homem, comandante do 5º Batalhão de Infantaria de Selva, é carioca do Méier e está há oito anos na Amazônia. Não há ninguém mais influente na região do Alto Rio Negro do que ele.

■ Lema pintado nas paredes do quartel do 5º BIS, em São Gabriel da Cachoeira: "Missão não se escolhe, nem se discute: cumpre-se".

■ O quartel tem como mascote uma onça de dois meses. Alguns recrutas a chamam de Conan. Os superiores preferem Selva.

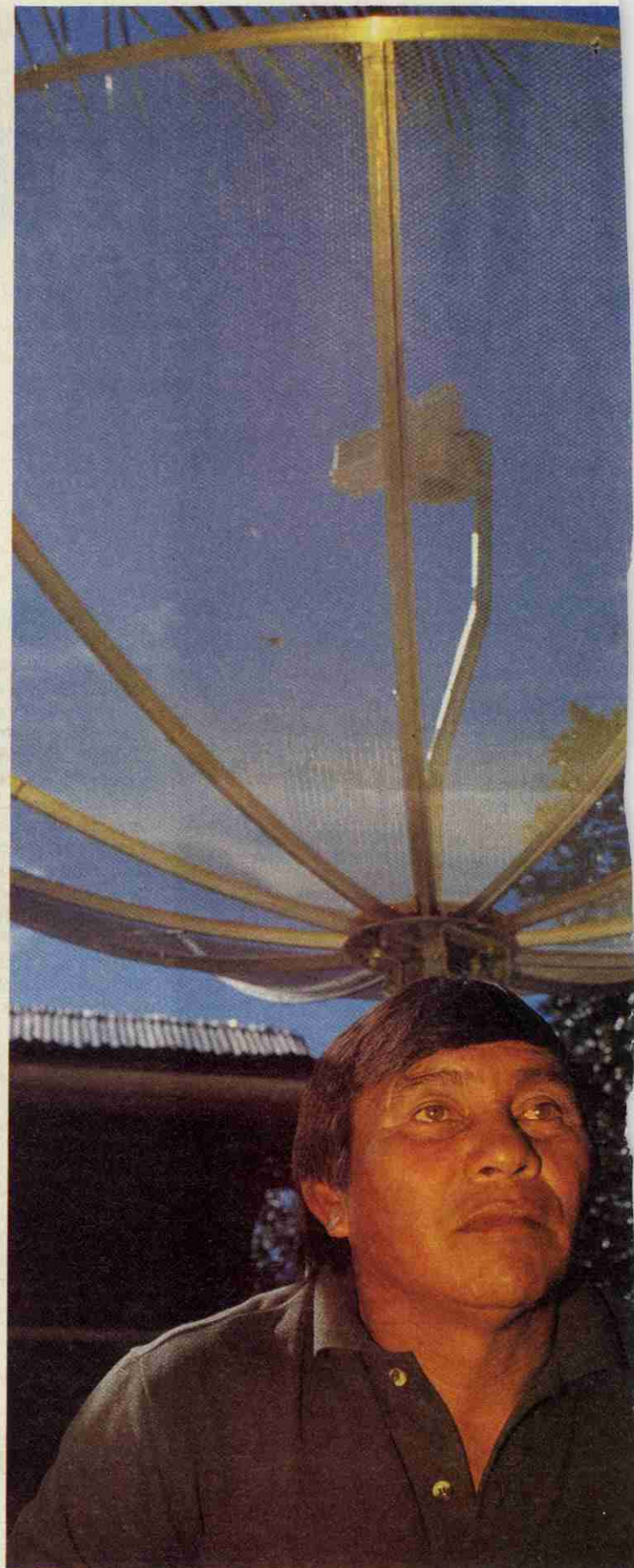
Os evangélicos vão à floresta

Ao contrário dos tucanos e dos baniwas, que constróem suas próprias canoas, os índios da etnia dāw conseguem as suas com a ajuda de uma corda e de uma boa dose de sorte. Eles esperam que as cheias do Rio Negro tragam canoas de outros lugares, arrancadas de seus portos pela força da água, para pescá-las no vagar da correnteza. Pois essas canoinhas à-toa, toscas e quebradas, encostadas na beira de um barranco, são os únicos sinais de vida na margem de lá do rio, bem em frente ao centro de São Gabriel da Cachoeira. Ninguém se dá conta de que mora gente do outro lado. Só mesmo os evangélicos.

Debutantes na conquista de espaços na Amazônia, já dominada pelos católicos há décadas — os salesianos estão em São Gabriel desde 1915 —, as missões evangélicas tentam ocupar lugares isolados antes de medir força com os católicos nos municípios. É comum encontrar pastores evangélicos morando ou visitando regularmente aldeias na selva.

Como faz o foneticista Valteir Martins, da Igreja Presbiteriana. Todos os dias ele pega sua voadeira e atravessa o Rio Negro para ir para o lado de lá, onde dá aulas a 83 índios da etnia dāw. A área onde está a aldeia foi comprada pela igreja e abriga casas sem paredes, onde os índios dormem em redes. Os presbiterianos estão há 11 anos na aldeia e se orgulham de ter reduzido o índice de mortalidade infantil.

Em alguns lugares da Amazônia, como Xié, os evangélicos querem construir uma cidade no meio da selva. Na aldeia dāw, querem que os índios parem de beber cachaça para entrar no Reino dos Céus. No meio do redemoinho, os indígenas parecem perdidos. Dos 83 índios dāw, poucos sabem de onde vieram e muito menos para onde vão. São como aquele homem de um memorável conto de Guimarães Rosa, que abandona tudo para embarcar solitário numa canoa, em busca da terceira margem imaginária. (A.M.)



O sonho dourado do garimpeiro

Os garimpeiros que trabalham no Pico da Neblina, 2.500 metros acima do nível do mar, bem sabem que nem tudo o que reluz é ouro. O maranhense Francisco Cardoso de Almeida, 37 anos, é um deles. Ele gasta suas raras horas de descanso rabiscando cadernos amarelados e sujos de terra. Nesses diários, conta algumas histórias de sucesso e muitas de fracasso, com as quais pretende construir um livro. "O título eu acho que vai ser O sofrimento de um garimpeiro", diz Francisco, com o sonho de ser escritor.

Algumas histórias, ele guarda a sete chaves. Não confirma, por exemplo, as informações passadas por alguns militares dando conta de contatos regulares entre os garimpeiros, os ianomami e os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), no Pico da Neblina. "A gente se dá bem com os colombianos. Eles entram para tirar ouro aqui e nós entra-

mos para tirar ouro lá", desconversa.

Nascido em São Francisco do Maranhão, Francisco está há cinco anos no Pico da Neblina. Malária, teve duas: uma vivax, outra por falciparum. Diz que não fez fortuna, só o suficiente para viver. "A gente vende o grama do ouro em São Gabriel por R\$ 8,50. Em Manaus, Porto Velho e Boa Vista o preço pode chegar a R\$ 10 ou 11", explica.

Francisco pensa em abandonar o garimpo — "mas só quando encontrar uma pepita que seja tão graúda a ponto de me afastar desse vício". No futuro, pensa no livro e na vida mansa em casa. Enquanto isso, a solidão. "Mulher em garimpo até tem, mas é

que nem a gente, cava a terra, caça, briga. Não dá para se apegar. Aqui mesmo tem três, a Maria Garimpeira, a Bernadete e a Princesa. Essa Princesa não é bonita, mas sabe como é, né? Em lugar que não tem onça, veado folga". (A.M.)



Francisco: livro sobre o garimpo

Júlio Góes: um ianomami que lucrou com o garimpo. Outros índios têm casa de palha. Júlio tem parabólica

plo, ele acena com a perda de direito ao sacramento do batismo.

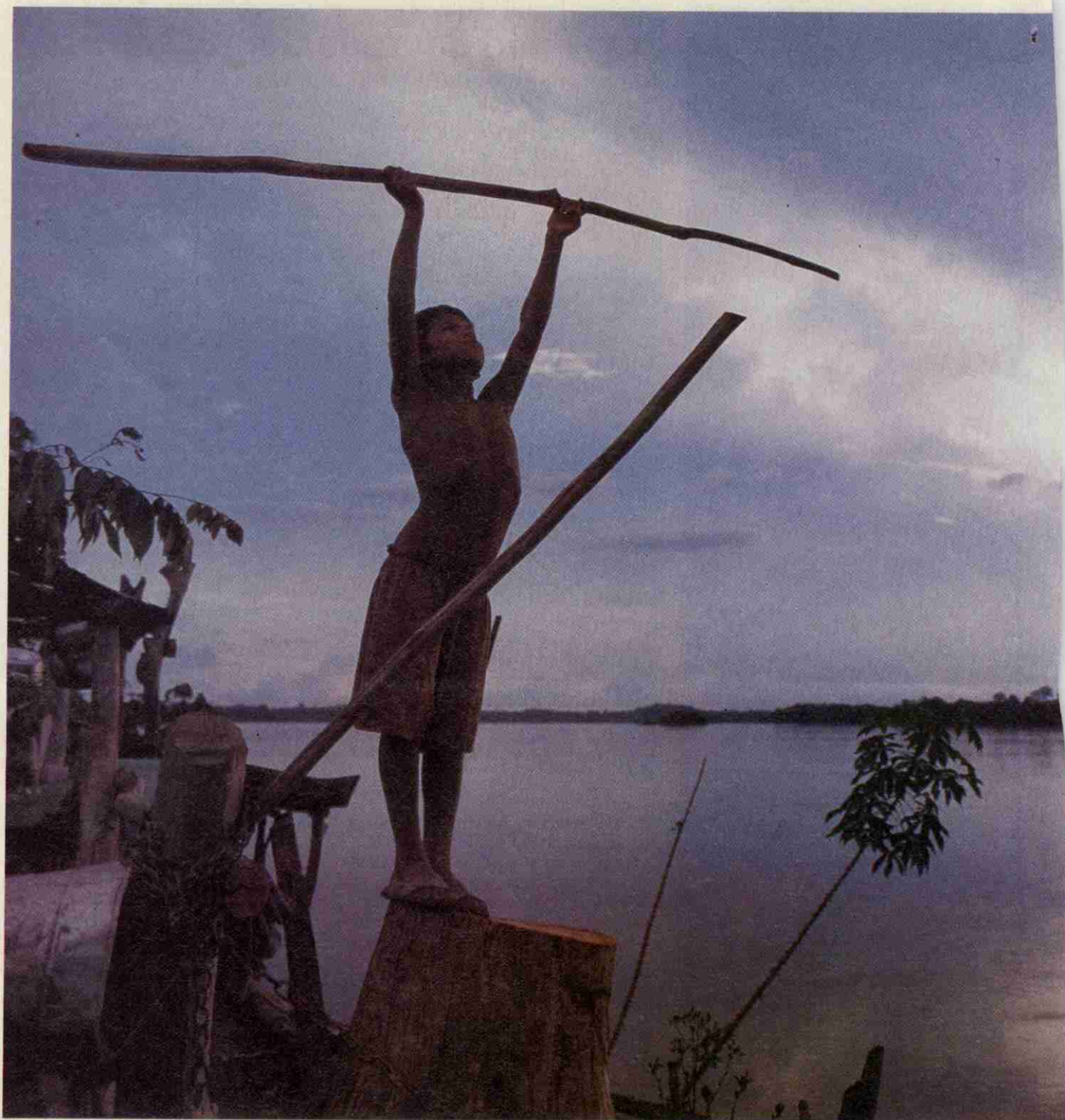
A maioria dos índios das aldeias Ariabú e Maturacá usa no pescoço um cordão com um crucifixo de madeira. Mas, na prática, existem cada vez mais distantes da Igreja católica. O Exército amplia seus domínios e faz alianças inusitadas. Os atiradores do 5º PEF costumam caçar no distante igarapé da Anta para não concorrerem com os caçadores ianomami. Muitas vezes, militares e índios promovem caçadas coletivas. Além do atendimento médico, o pelotão presta serviço odontológico e laboratorial. "No princípio, os indígenas não procuravam o pelotão, mas hoje enchem nosso pavilhão médico. Já fizemos aqui até partos de mulheres ianomami", conta o comandante do pelotão, 1º tenente Péricles José Carneiro.

Seguindo à risca o lema do projeto Calha Norte — *Vida, combate e trabalho* —, o 5º PEF está se preparando para invadir uma área até agora sob o domínio do inimigo: a educação. Há a previsão de instalação de uma escola no pelotão para as crianças das aldeias. "Vamos

encontrar um modo diferente de alfabetizá-las. Hoje, o garoto ianomami conta 1, 2, 3, *pruca*. *Pruca* quer dizer muitos, pode ser cinco ou mil. Isso porque ensinam eles a contar em nossa realidade. Temos que ensiná-los a contar peixes ou alguma coisa que faça parte do seu mundo", aposta o 1º tenente Péricles.

No meio desse campo de batalha, circula com liberdade o garimpeiro. Na aldeia Ariabú, os grupos jogam dominó e ouvem forró e música sertaneja nas horas de folga, mas se escondem quando estranhos se aproximam. Já com os militares, estabeleceram uma política de boa vizinhança: uns não incomodam os outros. "A terra é ianomami e não se pode tirar o ouro. Nós fazemos operações de reconhecimento de fronteira, apreendemos armas e explosivos. Mas uma coisa é tirar de lá o garimpeiro, outra é evitar que ele volte. Ele sempre sobe outra vez o Pico da Neblina. Não vejo solução para isso a curto prazo", explicou o comandante do 5º PEF, reconhecendo a dificuldade de vigiar a retirada ilegal de ouro na região.

Na verdade, longe de ser bélica, a



GLOSSÁRIO

■ **Varação** — Trilha que os garimpeiros abrem na mata até o local da extração do ouro.

■ **Batéia** → Peneira grande usada pelos garimpeiros para separar o ouro das impurezas no leito dos rios e

igarapés.

■ **Brefado** — Quando o garimpeiro está *na pior*, numa onda de azar, pegando pouco ouro, gastando as reservas e contraindo dívidas, diz-se que ele está *brefado*.

■ **Maloca** — Casa de habitação indígena que abriga várias famílias. Construção em forma de círculo onde os índios se reúnem para festas e reuniões. O termo hoje também é usado como sinônimo de aldeia.

■ **Curare** — Veneno vermelho-escuro extraído de alguns cipós, de ação paralisante, muito utilizado por algumas tribos indígenas para combater inimigos. As pontas das flechas são embebidas no veneno.

A educação hoje está a cargo dos salesianos. Mas o Exército quer montar sua escola. 'O garoto ianomami conta 1, 2, 3, 'pruca'. 'Pruca' quer dizer muitos', crítica um tenente

relação dos garimpeiros com os militares é amistosa. São os primeiros, por exemplo, que abastecem de cigarros, bebidas alcoólicas e revistas de sexo os desejos fronteiriços dos 67 homens do pelotão. Tudo é feito de maneira informal, fora dos limites do quartel. É bom lembrar que a casa comercial mais próxima de Maturacá está em São Gabriel da Cachoeira, distante dali 115 quilômetros de igarapés e 85 de estrada de terra. "Hoje deve ter lá em cima uns 50 garimpeiros. Espalharam que ia ter uma operação e muita gente desceu. Depois volta todo mundo. A gente se dá bem com o pessoal do Exército. Não mexemos com eles e eles não mexem com a gente", confirma o garimpeiro Luís Carlos Pereira de Sousa, um paranaense de 38 anos que cruzou o país em busca de riqueza.

Os acampamentos de garimpeiros no Pico da Neblina já estão formando uma espécie de cidade nas alturas. Em época de calmaria, lá se concentram em média 300 deles, pouco abaixo de um ponto conhecido como *Escadinha da Vovó*. Com suas barracas, geradores de eletricidade, bananas de dinamite, picaretas e batéias, os garimpeiros tiram o ouro de igarapés e de aberturas na rocha. De acordo com os interesses do serviço, os marcos de fronteira são mudados de lugar, sempre com a intenção de escapar das investidas da temida Guarda Nacional Venezuelana.

Os ianomami trabalham em parceria com os garimpeiros. Carregam nas costas cargas de até 100 quilos, montam cantinas nos acampamentos para vender comida e apetrechos. Como o Exército só reprime o garimpo quando apóia ações da Polícia Federal — a Funai tem apenas um pequeno posto lá que não fiscaliza nada —, a situação de índios e garimpeiros no Pico da Neblina é relativamente estável. "Os ianomami aprenderam a garimpar com a gente, são nossos amigos, como o Exército, que sempre ajuda a tirar alguém doente lá de cima", afirma o garimpeiro Francisco Cardoso de Almeida, um maranhense de 37 anos. "A Funai e a missão é que fazem a cabeça do índio para se revoltar contra a gente", alfineta.

Os sinais mais aparentes de prosperidade que o garimpo trouxe para os ianomami de Maturacá podem ser vistos na casa de Júlio Góes — o índio de olhos verdes. Uma grande antena parabólica, um laranjal ao redor, eletrodomésticos e uma confortável residência em madeira e alvenaria, pintada de verde e branco. As outras casas de Ariabú, de estuque e palha ou cobertas com folhas de zinco, são os sinais de que a prosperidade é privilégio de poucos. "O garimpo por aqui é só para o sustento das famílias", despista Júlio Góes, que ostenta o título de coordenador-geral da aldeia.

"O índio é altamente comprometido com o garimpeiro. De cada dez quilos de ouro retirados do Pico da Neblina, ele recebe 100 gramas. E fica na rede o dia inteiro", contrapõe o administrador-substituto da Funai em São Gabriel da Cachoeira, Francisco Alves da Silva. "Aquilo lá vai ser a nova Serra Pelada", arrisca o capitão Benaion, comandante do 1º Batalhão de Engenharia de Construção (1º BEC), com sede em São Gabriel da Cachoeira.

Como se vê, o garimpo nas alturas vai muito bem, obrigado. E o convívio do ianomami com o branco vai seguindo uma trajetória acidentada como a encosta do Pico da Neblina. Com uma mistura de desconfiança e sedução, é como se os índios da Amazônia ainda estivessem avaliando se vale a pena abraçar o branco que chega com presentes e diz que é amigo. A mesma impressão que seu José sentiu numa manhã de 1951, quando avistou uma canoa com brancos pela primeira vez e teve o impulso de matá-los com flechas envenenadas com curare antes de estender as mãos em sinal de amizade. "Se eu tivesse atirado as flechas, talvez hoje vocês não estivessem aqui", diz ele, os olhos para o céu, como se perguntasse aos seus deuses se agiu certo ou não.

■ *No próximo domingo, os índios que praticam 'arqueologia', cavando na terra objetos de cerâmica que pertenceram a seus antepassados.*

Soluções para um mundo pequeno

IBM